



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2022
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	Indo a fundo na questão: contribuição da preferência ambiental de moluscos marinhos na Paleobiologia Estratigráfica
<b>Autor</b>	ANA CLARA CASAGRANDE IGNACIO
<b>Orientador</b>	MATIAS DO NASCIMENTO RITTER

A profundidade é considerada um dos principais parâmetros na Paleobiologia Estratigráfica, determinando não apenas como os organismos marinhos são distribuídos ao longo de um gradiente espacial, mas também como os processos sedimentares relacionados às mudanças no nível de base influencia o registro fóssil resultante. Apesar do reconhecido efeito da batimetria nas acumulações paleobiológicas, carecemos de dados empíricos sobre o comportamento da resolução espacial do registro fóssil marinho com a profundidade. Esse trabalho tem como foco associações de moluscos bivalves coletados pela expedição REVIZEE em 1998 na isóbata aproximada de 100 m na plataforma continental do Rio Grande do Sul. A partir das espécies mais frequentes (em termos de representatividade de espécimes tombados na coleção científica de Mollusca do MUCIN/CECLIMAR), foram recuperadas informações de profundidade a partir de registros no banco de dados *Global Biodiversity Information Facility* (GBIF). Com base nessas informações, estimamos a profundidade preferencial ( $p_p$ , mediana) e a tolerância ( $t_a$ , intervalo interquartil) tanto de cada espécie, bem como da amostra como um todo. As espécies mais comumente encontradas na coleção e com os dados de profundidade disponíveis no GBIF foram: *Limopsis janeiroensis* ( $p_p = 2000\text{m}$   $t_a = 566,25\text{m}$ ); *Similipecten nanus* ( $p_p = 670\text{m}$   $t_a = 435\text{m}$ ); *Abra aequalis* ( $p_p = 15\text{m}$   $t_a = 39\text{m}$ ); *Ostrea equestris* ( $p_p = 60\text{m}$   $t_a = 230\text{m}$ ); *Thyasira trisinuata* ( $p_p = 870\text{m}$   $t_a = 1181\text{m}$ );

Nossos resultados indicam que apesar das amostras terem sido coletadas na isóbata de 100 m, os dados biológicos das espécies nos indicam que a profundidade ecológica da amostra deveria ser em torno de 630m, com tolerância de 336,25m.

Alternativamente, que nessa isóbata, espécies com diferentes preferências ecológicas (inclusive espécies hoje encontradas apenas em estuários, como *Erodona mactroides*) estão espacialmente concentradas, muito provavelmente como resultado de variações pretéritas do nível relativo do mar desde o final do Pleistoceno.